

# A CERIMÔNIA DA HENA: AS CORES DA ETNICIDADE

Wagner Lins\*

## Resumo

Este artigo nada mais é do que um exercício que busca analisar de forma comparativa aspectos da construção da identidade de grupos judaicos oriundos do Marrocos. Um grupo que iniciou sua imigração para a Amazônia atraído pelo Ciclo da Borracha (1860-1910), e o outro grupo de judeus marroquinos que imigraram para Israel em 1950, vítimas das retaliações dos países árabes depois da criação do Estado de Israel. Por meio da análise da cerimônia pré-nupcial da hena, que é largamente adotada pelos judeus oriundos de países árabes, onde os noivos e seus convidados têm suas mãos adornadas com tintura de hena para afugentar o mau-olhado, teremos a possibilidade de vislumbrar a posição controversa deste ritual em relação ao judaísmo rabínico, e como estas duas identidades judaico-marroquinas são construídas, atualizadas, e como esta cerimônia ajuda a demarcar a pertença étnica dos judeus marroquinos na sociedade israelense em relação a outras identidades judaicas, ou, ainda, como esta cerimônia, que já havia sido esquecida, foi resgatada na comunidade judaico-marroquina de Belém do Pará, como mais um dos sinais diacríticos formadores da identidade dos judeus marroquinos da Amazônia.

**Palavras-chave:** Judeus, Amazônia, hena, identidade étnica

## Abstract

This paper is an exercise which aims to analyse in a comparative way aspects of the construction of identities of Jews from Morocco. It focuses on

\* Antropólogo formado pela Universidade Federal do Pará; mestre e doutor pelo Programa de Língua Hebraica, Cultura e Literatura Judaicas da Universidade de São Paulo e pós-doutorando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo. <arieh77@yahoo.com>

one group which began to immigrate to the Amazon Region attracted by The Rubber Cycle (1860-1910), and on another group of Moroccan Jews who immigrated to Israel in 1950, victims of reprisals in Arabic countries due the creation of the State of Israel. Through the analysis of the pre-nuptial hena ceremony, which has been widely adopted by Jews from Arabic countries, where the couple and guests have their hands dyed by hena to scare off the evil eye, we have the opportunity to glimpse a controversial issue related to Rabbinic Judaism, and how those two Moroccan Jewish identities are constructed and updated, as well as how this ceremony helps to demarcate the Moroccan Jews sense of ethnic identity in Israeli society in relation to other Jewish identities. The paper also explores how this ceremony, which had been forgotten, was recovered by the Moroccan Jewish community of Belém, in the northern Brazilian state of Pará, as a diacritical sign that forms the identity of Moroccan Jews in Amazonia.

**Keywords:** Jews, Amazonia, henna, ethnical identities

## Introdução

**E**ste artigo abordará um elemento no mínimo singular para a construção da etnicidade dos judeus marroquinos, principalmente em Israel. Trata-se da cerimônia pré-nupcial da hena, também difundida em sociedades como a hindu, e em muitos países árabes. Este ritual é realizado por alguns segmentos do judaísmo, principalmente aqueles que durante séculos estiveram radicados em países como Marrocos, Tunísia, Argélia ou Iêmen. É sobre esta cerimônia e seus desdobramentos na sociedade israelense, e nas comunidades judaico-marroquinas<sup>1</sup> radicadas na Amazônia, que vamos nos debruçar neste breve exercício comparativo.

Os rituais matrimoniais ocupam um lugar de destaque em diversas sociedades, pois celebram a garantia da sobrevivência do grupo, a sua continuidade, e muitas vezes alianças com grupos externos. No judaísmo, este grupo étnico-religioso, tão antigo e tão diverso, não é diferente. O que difere no judaísmo

1 Para mais informações sobre a imigração dos judeus do Marrocos para a Região Amazônica durante o Ciclo da Borracha, ver BENCHIMOL, 1998 e LINS, 2004.

em relação às alianças matrimoniais é a sua aversão a alianças externas ao grupo, mostrando-se um grupo menos propenso à exogamia do que outros grupos étnicos. Como retratado nos livros de *Deuteronômio 7:3* e de *Ezra 10:2*; onde os israelitas recebiam ordens para não misturar suas “sementes” com sementes externas por meio do casamento.

No entanto, mesmo primando por uma prática endogâmica, os grupos judaicos estabelecidos em países árabes acabaram por adotar muitos aspectos das sociedades hospedeiras, dentre estes a cerimônia pré-nupcial da hena.

A cerimônia da hena também ocupa um lugar controverso no judaísmo rabínico, pois trata-se de uma prática ligada à magia, e que ao mesmo tempo congrega diversos elementos da religião judaica.

Porém, conforme nos explica Mauss (2003, p.50), muito embora as práticas mágicas tomem de empréstimo divindades e elementos da religião, isto não faz destas práticas parte oficial da religião. Esta é a situação da cerimônia da hena em relação ao judaísmo, pois trata-se de práticas místicas externas ao grupo, introduzidas nas práticas religiosas matrimoniais dos judeus que durante séculos estiveram radicados em países árabes, como é o caso dos judeus marroquinos.

Primeiramente, vamos explicar no que consiste a cerimônia da hena<sup>2</sup>, e a incorporação de tal prática no âmbito dos judeus radicados em países árabes. Em seguida, abordaremos a estranheza que tais práticas causaram na sociedade israelense, moderna e sionista, e como estes rituais se mantêm na sociedade israelense como um demarcador de uma identidade judaico-marroquina.

Para tentar explicar os aspectos mágicos que envolvem a cerimônia da hena mais uma vez recorreremos às leis gerais da magia descritas por Mauss (2003, p. 100) em seu *Esboço de uma teoria geral da magia*.

2 Optei por utilizar o termo “cerimônia” ao invés do termo “ritual” no que se refere à celebração da hena. Cf. Turner (2005, p. 139) “Devo afirmar aqui entre parênteses, que considero o termo “ritual” mais apropriado às formas do comportamento religioso associadas com transições sociais, enquanto o termo “cerimônia” tem mais a ver com o comportamento religioso associado aos estados sociais, em que as instituições jurídico-políticas têm, igualmente, maior valor. O ritual é transformador; a cerimônia confirmatória”. Ou seja, o ritual como agente transformador é, neste caso, o casamento propriamente dito, que conduz os noivos à condição de casados. Já a celebração da hena apresenta-se, como poderemos vislumbrar ao longo deste capítulo, como uma cerimônia confirmatória, parte do rito de passagem, mas não o rito de passagem em si.

[...] diremos que os simbolismos apresentam-se sob três formas esquemáticas, que correspondem respectivamente às três fórmulas: o semelhante produz o semelhante; o semelhante age sobre o semelhante; o contrário age sobre o contrário [...] (MAUSS, 2003, p. 107)

As leis de “contiguidade”, “similaridade” e “contraste”, que estruturam os rituais mágicos, ajudarão a compreender as celebrações da hena que serão descritas. Já as categorias propostas por Turner (1974; 1982; 2005; 2008): “*communitas*”, “liminaridade” “símbolos multivocais”, assim como os conceitos de “rito de passagem” com suas fases, que Turner cotejou de Van-Genep (1978), também foram utilizados para iluminar o entendimento desta cerimônia.

Ainda seguindo o caminho teórico trilhado por Turner, nos aproximaremos rapidamente de seus estudos sobre performance.

Através do processo de performance, o contido ou suprimido revela-se – Wilhelm Dilthey usa o termo *ausdruck*, de *ausdrucken*, “espremer”. Citando Dilthey, Turner descreve cinco “momentos” que constituem a estrutura processual de cada *Erlebnis*, ou experiência vivida: 1) algo acontece ao nível da percepção (sendo que a dor ou o prazer podem ser sentidos de forma mais intensa do que comportamentos repetitivos ou de rotina); 2) imagens de experiências do passado são evocadas e delineadas – de forma aguda; 3) emoções associadas aos eventos do passado são revividas; 4) o passado articula-se ao presente numa “relação musical” (conforme a analogia de Dilthey), tornando possível a descoberta e construção de significado; e 5) a experiência se completa através de uma forma de “expressão”. Performance – termo que deriva do francês antigo *parfournir*, “completar” ou “realizar inteiramente” – refere-se, justamente, ao momento da expressão. A performance completa uma experiência. (TURNER, 1982, p. 13-14)

Conforme Dawsey, os estudos sobre “antropologia da performance” surgiram a partir da parceria entre Victor Turner e o diretor teatral Richard Schechner.

**Um dos momentos mais expressivos para se pensar o surgimento da antropologia da performance ocorre nos anos de 1960 e 1970, quando Richard Schechner, um diretor de teatro virando antropólogo, faz a sua aprendizagem antropológica com Victor Turner, um antropólogo que, na sua relação com Schechner, torna-se aprendiz do teatro. Creio que esse encontro seja particularmente propício para se discutir o tema. Daí, o exercício que aqui se propõe: repensar o lugar olhado das coisas na antropologia da performance. À primeira vista, ao passo que se detecta na obra de Turner um percurso que vai do ritual ao teatro, na de Schechner emerge um movimento contrário, do teatro ao ritual. Na configuração de movimentos contrários e complementares irrompe um dos momentos originários da antropologia da performance. (DAWSEY, 2006, p. 17)**

Os estudos sobre a performance se revelaram como um instrumento muito eficaz para compreender como a cerimônia da hena é realizada em Israel. Das diversas abordagens propostas pela *Antropologia da Performance*, vamos nos ater ao conceito de “*restored behavior/comportamento restaurado*” proposto por Schechner (1985; 1988), que resumidamente seria um processo de repetição verificado pelo ritual ao se reviver esteticamente o acontecimento histórico, mítico, social e teatral.

De acordo com Schechner:

*Restored behaviour is used in all kinds of performances from shamanism and exorcism to trance, from ritual to aesthetic dance and theater, from initiation rites to social dramas, from psychoanalysis to psychodrama and transactional analysis. In fact, restored behavior is the main characteristic of performance. The practitioners of all these arts, rites, and healings assume that some behaviors – organized sequences of events, scripted actions, known text, scored movements. (SCHECHNER, 1985, p. 35)*

O conceito de “comportamento restaurado” se ajusta de forma precisa para explicar a maneira como as cerimônias da hena passaram a ser realizadas e suas diversas adaptações à realidade da sociedade israelense.

Finalizaremos este artigo utilizando mais uma vez o conceito de “comportamento restaurado” para tentar explicar como a cerimônia da *hena*, que já havia sido esquecida e não fazia mais parte do repertório étnico dos judeus de origem marroquina radicados na Amazônia, foi recriada e readaptada, a partir da observação de algumas famílias judaicas de Belém que presenciaram o ritual em Israel, e resolveram reproduzi-lo, reintroduzindo, mesmo que momentaneamente, este elemento no repertório étnico que estrutura a identidade dos judeus marroquinos na Amazônia.

## **1. Cerimônia da hena: algumas considerações**

A tintura de hena sempre foi largamente utilizada, sobretudo para fins cosméticos, ou para fins rituais, conforme as necessidades e crenças de comunidades localizadas principalmente na costa do Mediterrâneo e no Oriente Médio. Evidências antropológicas e arqueológicas afirmam que a tintura de hena era utilizada nas religiões animistas, e que foi espalhada e modificada por sucessivas transmissões culturais, e posteriormente foi incorporada em cerimônias do cristianismo, budismo, judaísmo e hinduísmo, conforme nos explica Cartwright-Jones:

*Many statues and depictions of young women from Bronze Age Cyclades, Cyprus, Mycenae, and Minos have dark red markings on their hands, breasts and feet, and their hands raised to display the red markings. The Bronze Age Ugaritic legend of Baal and Anath describes “the perfect brides” applying hena before they go seek their husbands (MOOR, 1971 p. 85.). In the same text, Anath applied hena for a springtime fertility festival sacrifice and henaed again before she avenged Baal’s murder by killing his enemy, Mot, the god of summer sun, heat and drought. An 8<sup>th</sup> BCE century Assyrian text describes a bride being henaed for her wedding. The Romans recorded hena use by Egyptians, Persians, Jews, Arabs and Palestinians. (CARTWRIGTH-JONES, 2004, p. 10)*

Este corante de cor ocre avermelhado é extraído das cascas de uma árvore (*Lawsonia inermis*), rica em tanino, é excelente cicatrizante e preventivo contra queda de cabelos e a quebra das unhas. Dentre os muçulmanos, além das cerimônias matrimoniais, a hena é utilizada também nos rituais de circuncisão e no final do período menstrual das mulheres.

Em muitas comunidades muçulmanas as mulheres, ao final do seu ciclo menstrual, vão se purificar nos banhos públicos/*hamman* e, após banhadas, as mulheres tingem com hena os cabelos e também as palmas dos pés e das mãos. O ato de tingir-se com hena, de acordo com explicação dos muçulmanos, torna a purificação pela qual aquela mulher foi submetida visível aos olhos dos homens e aos olhos de Deus. Existem comunidades muçulmanas onde mulheres após a menopausa e meninas antes da primeira menstruação não fazem uso da tintura de hena, pois a hena dentre tantas outras significações, também carrega consigo uma conotação de sexualidade. Tanto que muitos contos e iconografias retratam prostitutas ou cortesãs nos haréns adornadas com tintura de hena (CARTWRIGTH-JONES, 2004, p. 13-14).

A hena era também utilizada por barbeiros e por homens que circuncidavam os meninos. Neste caso, a hena, além de funcionar como cicatrizante,

funcionava também como produto mágico que protegia os profissionais que manipulavam sangue contra ações de seres malignos.

Agora vamos nos ater às celebrações da hena entre os judeus do Marrocos, que também introduziram esta cerimônia em suas celebrações de casamento. A cerimônia da hena no Marrocos possuía muitas variações, conforme a localidade e influências recebidas. As comunidades judaicas da costa do Marrocos receberam muitas influências dos judeus sefaraditas expulsos da Espanha em 1492. Os judeus da Espanha também possuíam muitas cerimônias pré-nupciais, como a “*noche del baño*” ou “*noche del lavado*”, que se fundiram às cerimônias da hena já existentes no Marrocos.

A “*noche del baño*” ocorria quando as mulheres conduziam a noiva para o *mikve*, banho ritual de purificação, antes do casamento. A mãe do noivo também tomava parte do cortejo para certificar-se de que a noiva que seria entregue a seu filho estava devidamente purificada. A mãe da noiva comparecia levando um grande espelho para que a noiva pudesse se mirar após emergir do banho ritual, desejando que este estado de pureza se prolongasse durante sua vida conjugal.

Outro costume trazido pelos judeus da Espanha, que foi largamente incorporado às celebrações da hena no Marrocos, consiste na indumentária da noiva. Foi a introdução do grande vestido, ou como era chamado em árabe “*el keswa el kebira*”. Tratava-se de um rico vestido adornado com brocados e filigranas de ouro, inspirado em trajes reais, comparando a noiva no dia de seu casamento a uma rainha no dia de sua coroação (BENTES, 1989; BENDELAC, 1987; MORASHÁ, 2006-2009).

O vestido era confeccionado em veludo ou seda, geralmente em vermelho ou escarlate. Consistia em uma saia rodada com várias camadas e anáguas (*zeltita*), adornada com brocados e pedras semipreciosas. Na parte superior, a noiva usava um corpete confeccionado no mesmo tecido das saias (*gombazah*), que era adornado com desenhos concêntricos em alusão à fertilidade, e fechado com sete botões de prata em alusão às sete bênçãos do casamento recitadas nos matrimônios judaicos.

Por baixo do corpete, a noiva trajava uma camisa de mangas bufantes confeccionadas em seda diáfana, combinando com os véus e turbantes que eram adornados com coroas de pedras semipreciosas. Estes vestidos eram tratados como joias de família. Passavam de geração para geração. Era também consi-

derado uma *mitzvá* (uma boa ação) o empréstimo do vestido para uma noiva menos abastada.

Esta forma de vestir a noiva, conforme as tradições trazidas da Espanha, foi bastante difundida entre as comunidades judaicas do Marrocos. Porém, não influenciaram as tradições nupciais das comunidades que estavam mais isoladas na região das montanhas Atlas, que também celebravam a hena, porém mais influenciados pela cultura berbere.

Ao contrário de outras comunidades judaicas que procuravam ocultar a noiva até o momento do casamento, nas comunidades judaicas da costa do Marrocos, após a cerimônia da hena, a noiva devia permanecer visível. De acordo com as informações fornecidas por Bentes (1989), geralmente era na manhã que precedia a cerimônia da hena que as famílias se reuniam com um *beit din* (uma comissão de juizes) para firmar o contrato de casamento informalmente. Neste momento, eram fornecidos aos juizes os nomes dos noivos e seus respectivos pais, e, em algumas regiões do Marrocos, até mesmo os avós eram mencionados no contrato matrimonial. Após fornecidos os dados para a confecção da *ketubah* (contrato matrimonial), eram lembrados aos presentes as obrigações do esposo para com a esposa, e vice-versa. Em seguida eram acertados os valores do dote da noiva. De posse destes dados, o *sofer* (escriva) já estava apto para começar a lavrar a *ketubah*, o contrato a ser firmado na noite do casamento.

A prévia do contrato de casamento era firmada de manhã, e durante a noite era realizada a cerimônia da hena. Nos primórdios, as celebrações da hena costumavam preparar uma festa para os homens, e outra, geralmente mais requintada, para as mulheres, quando o enxoval da noiva costumava ser exibido.

Porém, em muitas comunidades do Marrocos, como na cidade de Tanger, era costume que os noivos permanecessem juntos, sentados sob um *talamon/* pátio, em cadeiras adornadas lembrando tronos reais. Os noivos eram conduzidos ao pátio, ao som do hino de boas-vindas (*baruch habah*). Os familiares vinham na frente abrindo caminho, carregando velas, que simbolizavam a luz no novo caminho a ser percorrido, e para que os noivos fossem vistos pelos juizes, e por Deus, para que tivessem seus pecados perdoados às vésperas do matrimônio.

A maneira de pintar as mãos também variava de comunidade para comuni-

dade no Marrocos. Geralmente, os desenhos eram feitos nas mãos e nos pés das mulheres após o banho ritual. Eram desenhadas pequenas flores e losangos que simbolizam diamantes, luas crescentes simbolizando a fertilidade, e letras em hebraico formando combinações cabalísticas, para proteção da noiva. Em algumas comunidades somente o interior da mão direita era pintado, em outras, as duas palmas das mãos.

De acordo com Genep (1978), todos os ritos de passagem possuem três fases: a fase de ruptura, seguida da fase de suspensão, e depois a fase de reintegração. Se atentarmos para os rituais matrimoniais descritos anteriormente, perceberemos que o período de suspensão que geralmente inicia os ritos de passagem se dá a partir do “*apalabramiento*”, do contrato verbal firmado entre as famílias, oficializado em frente aos juízes para a confecção do contrato matrimonial. A partir deste momento, os noivos romperam com a condição de solteiros e estão parcialmente comprometidos. Este momento de indefinição é marcado pela cerimônia da hena.

Conforme Turner (2008), durante o período de suspensão, os neófitos têm contato com muitos “símbolos multivocais”, que não somente adornam os rituais, mas na verdade estes símbolos ajudam os iniciados a se tornarem “cientes” de sua nova condição, e de seus novos papéis na estrutura social.

**Tais símbolos, visuais e auditivos, operam culturalmente como dispositivos mnemônicos, ou [...] “depósitos” de informações, não sobre técnicas pragmáticas, mas sobre cosmologias, valores e axiomas culturais, por meio dos quais o conhecimento de uma sociedade é transmitido de uma geração para outra. (TURNER, 2008, p. 223)**

A hena seria, desta maneira, uma cerimônia preparatória para a reintegração, a parte final do rito de passagem, o matrimônio, quando os noivos abandonariam a condição de solteiros, ingressando em uma outra categoria social. As noivas adornadas pela hena, não somente passavam para a condição de esposa. O que era comum na sociedade marroquina era também a passagem da condição de menina para a condição de mulher, e a hena simbolizava esta maturidade.

Mas não é somente nas fases que dividem os ritos de passagem que a cerimônia da hena representa uma condição liminar. Em relação à estrutura do grupo, a hena também ocupa um lugar dual, pois está inserida na estrutura social do grupo, ajudando a reforçá-la, mas não deixa de ser um elemento externo que ocupa a condição “*betwixt and between*”, já que é proveniente das sociedades árabes, mas também inserido na organização das sociedades judaicas. Pertence ao âmbito da magia, mas flerta diretamente com a religião.

Veremos em seguida como, mesmo tendo sido incorporada à estrutura oficial de alguns grupos judaicos de países árabes, a hena continuou em um papel liminar em relação aos valores da sociedade israelense.

## 2. Hena em Israel

### 2.1. Na trilha do objeto de pesquisa. Noite Marroquina no centro cultural *Bait Ha'Noar Ha'Hebri* – Jerusalém – 15 de dezembro de 2004.

Antes de descrever como as celebrações com hena, tão singulares, foram adaptadas e qual a sua importância para a constituição da identidade dos judeus marroquinos em Israel, gostaria de esclarecer, primeiramente, como localizei na sociedade israelense o ritual da hena como mais um dos elementos que ajudam a construir a identidade dos judeus marroquinos.

Muitas vezes em Israel, estes elementos representativos da identidade dos judeus marroquinos se apresentavam para mim de forma espontânea, dessa maneira foi que percorri outros caminhos trilhados pela etnicidade dos judeus marroquinos na plural sociedade israelense, para me deparar com a cerimônia da hena.

Mirit, filha de judeus do Marrocos, e minha vizinha na moradia estudantil foi quem me trouxe um convite para um festival marroquino. Esta foi uma incursão decisiva para a realização da pesquisa de campo durante minha estadia em Israel. Foi partindo deste ponto que comecei a adentrar no universo dos judeus marroquinos de Jerusalém.

Fui para o festival marroquino sem ter a mínima ideia do que se tratava, e quando lá cheguei tive incontáveis surpresas. A primeira delas foi que o evento estava lotado e não havia mais ingressos disponíveis. Expliquei que era um pesquisador da Universidade Hebraica de Jerusalém e o quanto aquele evento era importante para minha pesquisa, e fui encaminhado para falar com alguém da organização, que pediu que eu esperasse até que todos os convidados en-

trassem, e então eu poderia ficar de pé em um canto observando tudo. Mas, no mesmo minuto, fui agraciado por uma senhora que possuía entradas sobrando. Assim consegui ingressar na Noite Marroquina.

Adentrei em um imenso salão todo adornado com motivos arabizados, tapetes forravam o chão e paredes de um imenso ginásio poliesportivo, e no palco estava pendurado um imenso banner com a foto de uma porta marroquina (depois descobri que a porta era o símbolo do Centro dos Judeus da África do Norte, onde mais tarde eu também realizaria pesquisas).

Também no palco estavam posicionadas cadeiras enfeitadas, compondo um cenário para uma encenação de uma cerimônia da hena. Antes disso, o palco foi ocupado por Lior El Malech, cantor israelense de família marroquina, que adotou o estilo de música Mizrachi/oriental, já citado anteriormente.

Antes mesmo de entrar no ginásio, deparei-me com a vidraça que dava para a cozinha, onde Hanna Azulay, que depois também se tornaria uma das mais eficientes interlocutoras, arrumava vários pratos de doces marroquinos caramelados de açúcar e mel, para serem servidos aos presentes.

Ao ver as feijuelas<sup>3</sup>, semelhantes às consumidas pelos marroquinos ao término do Yom Kipur em Belém e Manaus, busquei uma maneira de entrar na cozinha para perguntar a respeito dos doces. Hanna me atendeu sorrindo, e disse que os doces se chamavam “Fizuelos, autênticos marroquinos!”

Como estava atribulada, Hanna pediu que aguardasse na mesa de seus amigos e familiares, mas, no mesmo instante, Ofra, que me havia presenteado com as entradas, convidou-me para sentar junto a sua família, e não tive como recusar.

A comunicação com a família de Ofra foi pouca e difícil. Eu, com parco hebraico, Ofra, com parco inglês, o pai, Henry, tentava se comunicar em francês, como a maioria dos velhos marroquinos quando encontram alguém que não fala hebraico.

Na mesa estavam servidos pratos com sementes de abóbora, girassol, melancia, pistaches, e outras amêndoas muito apreciadas pela sociedade israelense de forma geral, não sendo um costume somente dos judeus marroquinos.

O consumo de sementes só foi observado por mim nas comunidades de

3 *Feijuela*: doce marroquino consumido nas comunidades judaicas da Amazônia principalmente após o jejum do Dia do Perdão/ Yom Kipur, tratava-se de uma fina massa de pastel, frita enrolada em forma de caracol, caramelada e polvilhada com açúcar e canela.

Belém e Manaus em rituais mortuários, denominados *mishmarot*. O consumo doméstico e a manutenção deste hábito marroquino se perderam ao longo dos anos nas comunidades da Amazônia. O costume de comer sementes e amêndoas torradas e salgadas foi pontuado por Benchimol (1998), que descreveu o consumo de sementes torradas entre os judeus da Amazônia aos sábados, principalmente para aliviar a falta do cigarro e dos cachimbos entre os velhos marroquinos proibidos de fumar durante o shabat. As sementes eram denominadas em ladino ou haquitia de “pepas/pepitas”.

Depois de servidas as sementes como aperitivos com vinho e refrigerantes, foram servidos os doces: laranjas e limões caramelados com cravo e canela, letuario, as feijuelas, e outras massas de pastel fritas e açúcaradas.

Ao mesmo tempo o show começava, Lior Elmalech animava a plateia cantando salmos e canções marroquinas. Os salmos eram cantados em hebraico e com voz gutural, deixando explícitas as influências árabes na forma de cantar e nas melodias dos judeus marroquinos; já as canções folclóricas eram cantadas em árabe marroquino. O público em coro respondia e acompanhava com palmas e gritos. Não demorou para que as primeiras mulheres comessem a dançar agitando os braços, ombros e mãos, à maneira da maioria das danças do Oriente Médio e do Mediterrâneo.

No intervalo do show de Elmalech, Hanna Azulay subiu ao palco, pegou o microfone e fez a “*bargualás*”, o som emitido com a língua pelas mulheres, característico dos momentos de alegria, festas e comemorações dos marroquinos. Em seguida, Hanna Azulay perguntou: “Temos marroquinos aqui?”. E o público em coro respondeu positivamente aos gritos. Depois de conclamar o público, Hanna explicou que em poucos minutos ocorreria uma representação de uma cerimônia da hena. Explicou a função deste ritual matrimonial, e ressaltou que, graças à persistência dos marroquinos, esse ritual não desapareceu em Israel, e que, mesmo mediante a estranheza que o ritual causava em determinados setores da sociedade israelense, atualmente as famílias fazem questão de realizar a cerimônia de pintura das mãos com hena para afugentar o mau-olhado sobre os noivos, e primam que o ritual seja reproduzido tal qual a tradição de pais e avós.

De acordo com o antropólogo André Levy, que também pesquisou a construção da identidade e inserção dos judeus marroquinos na sociedade israelense:

*[...] this cultural attenuation process thwarted and even reversed in the 1970s and 1980s, when Moroccan Jews become more integrated in the Israeli society and started to regain their self confidence and sense of identity, in proudly asserting their distinctive cultural heritage [...]*  
(LEVY, 1997, p. 30).

As palavras de Levy ajudam a compreender este sentimento marroquino conclamado por Hanna Azulay, e sinalizam quando se iniciou este movimento de afirmação por parte dos judeus marroquinos, que acabam por engendrar eventos como este analisado.

Vejam agora como foi realizada a cerimônia da hena dentre mais uma das atrações da etnicidade marroquina que subiram ao palco naquela noite. Para iniciar a representação da cerimônia da hena, um casal de jovens foi sentado em cadeiras adornadas com tecidos brilhosos e almofadas. Em volta do casal bailavam várias mulheres vestidas com túnicas e véus exageradamente coloridos, ao som de uma música israelense com melodias orientais.

A teatralização da cerimônia da hena e o festival marroquino em si remetiam ao que Eduard Said (2001, p. 30) denominaria de “um arranjo complexo de ‘ideias orientais’ (o despotismo oriental, o esplendor oriental, [...] a sensualidade)”. Aquilo que pretendia ser a representação da tradição original, embora alegrasse e até mesmo convencesse o público, a mim pareceu muito artificial.

No entanto Turner explica que o exagero nas indumentárias e nas performances dos rituais têm uma razão de ser.

**Qual o sentido desse exagero, que chega às vezes à caricatura? Parece-me que ampliar ou diminuir ou descolorir desta maneira vem a ser um modo primordial de abstração. O traço destacado e exagerado se transforma em um objeto de reflexão. Usualmente o símbolo assim representado não é unívoco, mas multivocal, uma molécula semântica com muitos componentes. (TURNER, 2005, p. 149)**

No caso do festival marroquino, o exagero nas indumentárias, nos cenários e performances (incluindo a forma arabizada de cantar de Lior Elmalech) se apresentam também como “objetos de reflexão [...] uma molécula semântica com muitos componentes”, que simbolizam naquele momento um “estado de inversão”, (TURNER, 2008, p. 225), no qual elementos da etnicidade marroquina, que são desvalorizados no cotidiano da sociedade israelense, no festival ocupam uma posição de destaque na representação da etnicidade marroquina.

Depois da encenação do ritual da hena, Elmalech retornou ao palco continuando a programação. Foi quando consegui me aproximar dos que seriam meus futuros interlocutores. O filho de Hanna, Shlomi, falava inglês mais fluentemente e explicou que Hanna e seu irmão caçula, Adir, possuíam em sociedade um serviço de *buffet* para preparar cerimônias da hena e casamentos ao estilo marroquino.

No fim da “noite marroquina” no *Bait Ha’Nohar*, enquanto pedia um contato telefônico para futuras entrevistas, Hanna, como boa mãe marroquina, presenteou-me com um farto prato de doces e sementes, que foram consumidos por todos os colegas ao longo da noite em divertidas rodas de conversas no alojamento Ildenson.

Para uma primeira incursão a campo, o festival marroquino serviu para mostrar o caminho, compreender como eu poderia alcançar o meu objeto de estudo dentro da sociedade israelense. Eventos como o descrito acabam por condensar de uma só vez vários aspectos da etnicidade dos judeus marroquinos na sociedade israelense. Não somente aglutinam na mesma ocasião vários elementos desta identidade étnica, como as comidas, os trajes típicos (bastante exagerados), canções, e assim por diante, como também ajudam a reunir os judeus marroquinos espalhados por todo o território de Israel.

Desta maneira, estes eventos não somente ajudam a compor a etnicidade marroquina a partir de um mosaico de “símbolos multivocais” reunidos na ocasião, como também reafirma os laços daqueles indivíduos e famílias que antes viviam em comunidades circunscritas no Marrocos, mas que agora se encontram dispersos.

Após a “Noite Marroquina”, procurei Hanna Azulay mais uma vez, unindo o útil ao agradável. Eu precisava de um intérprete para auxiliar minha entrevista, e Merav Fima, também de origem marroquina, radicada no Canadá, preci-

sava fazer um trabalho sobre a cerimônia pré-nupcial da hena para a disciplina de folclore judaico que cursávamos juntos.

Lembrei que Hanna trabalhava organizando as cerimônias da hena, e que este contato seria frutífero tanto para mim quanto para Merav, que dominava o hebraico e poderia auxiliar nas minhas perguntas. Na ocasião não imaginava o quanto Hanna ainda me ajudaria na realização do meu trabalho de campo em Israel. Não sei se conseguiria todas estas incursões se não fosse o auxílio de Hanna.

Juntando as duas necessidades, telefonei para Hanna para marcar o encontro. Até hoje não sei como, em dois meses em Israel, consegui acertar tantos detalhes. A entrevista foi marcada no local de trabalho de Hanna, na Secretaria de Turismo de Jerusalém, no centro da cidade.

Eu havia formulado algumas perguntas e um roteiro prévio de entrevista, dentre as perguntas algumas a respeito da chegada da família Azulay a Israel. Ao ser questionada sobre este assunto, Hanna desconversou e disse que era uma história muito triste e que não gostaria de comentar isso no local de trabalho, para que as outras pessoas não escutassem, e que em outra ocasião poderíamos tratar disto.

Então, Hanna resolveu falar por si. Sacou de sua gaveta uma pasta com fotografias dos vários festivais marroquinos que organizara anteriormente, todos muito semelhantes ao que observei no festival em que a conheci. Mostrou ainda fotos da cerimônia da hena que ela organizou com esmero para o casamento da filha, e a partir desta foto explicou para Merav como uma noiva deveria se vestir na sua noite da hena: “O tecido tem de ser veludo, um corpete que ressaltasse a cintura da noiva, e um pequeno colete deveria ser vestido por cima do corpete [...]”. Na foto, a filha de Hanna trajava um bonito vestido de cor vermelha rebordado em detalhes dourados, mas Hanna disse que outras roupas de cores diferentes deveriam ser usadas pela noiva, para fins diversos.

Hanna também ressaltou que existem muitas variações no ritual, que os judeus do Iêmen fazem de um jeito, os do Iraque fazem de outro, e que ela procurava adaptar seus serviços de acordo com a tradição dos contratantes. Pelo fato de estarmos no local de trabalho de Hanna com tempo limitado, não consegui que ela explicasse as especificidades de cada ritual.

Confesso que voltei para a Universidade com a maioria das perguntas que

havia formulado sem respostas, e com outras perguntas que surgiram no decorrer deste segundo encontro, mas também consegui algumas respostas para perguntas que não havia incluído no meu roteiro.

Esta visita serviu ainda para arranjar novas incursões a campo, uma verdadeira maratona nos dois dias seguintes. A primeira, uma cerimônia da hena celebrando as bodas de um jovem casal israelense de origem marroquina, que será descrita em seguida para tentar ilustrar como a cerimônia da hena passou a ser realizada em Israel. A segunda incursão foi uma Noite de Salmos, realizada no Centro de Cultura dos Judeus da África do Norte, na região central de Jerusalém. A Noite de Salmos foi muito semelhante ao que os judeus de origem marroquina da Amazônia denominam Meldado. O Meldado consiste em uma noite de orações, a denominação é proveniente do verbo meldar, rezar, orar em haquitia. Geralmente os homens passam a noite em vigília ou rezando ou lendo o Zohar (Livro do Esplendor; ver cap. 3)

Gostaria muito de descrever com riqueza de detalhes a suntuosidade do Centro de Cultura dos Judeus da África do Norte, como também a Noite de Salmos que presenciei, fazendo as devidas comparações com as noites de Meldado que presenciei nas comunidades judaico/marroquinas da Amazônia. No entanto, na prática antropológica, a grande maioria do material coletado nas diversas incursões a campo acaba não sendo incluída no corpo da pesquisa. Como é o caso da cerimônia de Meldado que foi aludida, pois figurou nos caminhos que percorri como pesquisador para encontrar meu objeto de estudo em um território ainda não conhecido.

Vejamos a seguir como se deu o encontro com o objeto central deste capítulo, a celebração da hena, e qual o papel desta celebração para a construção de uma identidade marroquina na sociedade israelense.

### **2.1.1. Encontrando o objeto de pesquisa: a noite da hena em Jerusalém e a etnicidade no buffet**

A segunda cerimônia da hena que tive a oportunidade de presenciar em Jerusalém ocorreu na casa de recepções Muley Ha'Opera, na noite de 9 de janeiro de 2005. Conforme já aludido anteriormente, Hanna Azulay procurava realizar a cerimônia da hena de acordo com a tradição dos noivos. Para minha sorte, a cerimônia que eu presenciaria fora encomendada por uma família marroquina.

O salão estava ricamente decorado, na parte frontal do salão um pódio nupcial adornado com brocados. Debaixo do pódio estavam duas cadeiras semelhantes a tronos, aonde os noivos sentariam para receber a hena e os convidados.

Ao lado do pódio nupcial foi preparado um ambiente marroquino com tapetes, almofadas e narguilés. No centro dos tapetes, uma mesa em cobre trabalhado, com os bules e chaleiras de cobre e ingredientes para servir o chá de hortelã no final da cerimônia.

Na entrada do salão, os noivos trajando roupas douradas recebiam os convidados e os presentes. De acordo com as explicações de Hanna Azulay, o dourado das roupas tinha a intenção de atrair bons presentes e dinheiro para o novo casal.

Como a cerimônia da hena está intimamente ligada ao âmbito da mística, podemos perceber, a partir das descrições destas cerimônias, o uso contínuo das leis da magia enumeradas por Mauss (2003, p. 100). A exemplo das cores escolhidas para as roupas dos noivos, também adornadas com desenhos concêntricos e luas crescentes para atrair fertilidade, são pequenos detalhes que ressaltam as leis mágicas de similaridade e o caráter místico da cerimônia da hena e, portanto, sua condição “liminar” situada entre a religião oficial e a mística.

No entanto, para analisar a cerimônia da hena em Israel, convém muito mais neste momento utilizar os conceitos de “performance” e “comportamento restaurado/*restored behaviour*”, de Richard Schechner (1985), para tentar compreender como a celebração da hena passou a ser realizada em Israel. Segundo o autor:

*Restored Behaviour is living behaviour treated as a film director treats a strip of film. This strip of behaviour can be rearranged or reconstructed; they are independent of the casual system (social, psychological, technological) that brought them into existence. They have a life of their own. The original “truth” or “source” of the behaviour may be lost, ignored, or contradicted – even while this truth or source is apparently being honored and observed.* (SCHECHNER, 1985, p. 34)

Desta maneira, veremos, ao longo deste capítulo, como a cerimônia da hena deixou de ser um ritual complexo e extenso, para se tornar uma “amostra de comportamento” que, quando encenada, tenta remeter aos tempos em que os judeus viviam no Marrocos.

Os trajes árabes, o cenário montado, e outros elementos que acompanhavam a cerimônia da hena, tudo corroborava para ensejar a restauração de um tempo passado. Um cuscuz marroquino foi o prato principal da noite, ressaltando, por meio da comida, que a cerimônia que seria realizada naquela noite seria celebrada à moda marroquina, ressaltando assim a etnicidade do grupo por meio da gastronomia.

As mesas estavam posicionadas ao redor do salão, de maneira que todos podiam observar o pálio enquanto o jantar era servido. Depois de receber todos os convidados, agora trajando roupas em tons de azul para combater o mau-olhado, os noivos foram posicionados no centro do salão para dançar uma música romântica. Após a dança, e de agradecer a presença de todos, o casal foi erguido em cadeiras pelos convidados ao som de uma música oriental contagiante.

Desta maneira, enquanto o salão ia sendo ocupado pelos convidados, Hanna Azulay, com o auxílio do filho, montou nas laterais do salão dois biombos decorados com motivos arabescos, para que os convidados vestissem os trajes marroquinos para compor a cerimônia da hena.

Aos poucos todos estavam vestidos com trajes árabes exageradamente decorados com brocados e tecidos reluzentes. Aos homens foram distribuídos gorros vermelhos/*tarbush*, para que ficassem melhor caracterizados. Os trajes, além de ajudar a compor o cenário, ajudam também a compor o caráter dual que os indivíduos assumem durante a restauração de um comportamento por meio de uma performance. De acordo com Schechner:

*[...] restored behavior is ‘me behaving as if I am someone else’ as if I am ‘beside myself’, or ‘not myself’, as when in trance. But this ‘someone else’ may be also be ‘me in another state of feeling/being,’ as if there were multiple ‘me’s’ in each person. (SCHECHNER, 1985, p. 37)*

Desta maneira, o ato de vestir-se com roupas árabes fez com que os convidados representassem um “eu” diferenciado do “eu” cotidiano. Ao vestirem túnicas coloridas e cobrirem as cabeças com turbantes e véus, a identidade israelense cotidiana foi relegada momentaneamente, para que a identidade marroquina pudesse ser expressada diante de todo o cenário montado.

O casal retornou ao salão vestindo outro traje, desta vez em tons vermelhos. Estes trajes traziam referências ao ritual matrimonial dos judeus sefaraditas radicados no Marrocos, como o “grande vestido” descrito anteriormente. A noiva trajava um vestido de veludo vermelho, um corpete, e uma coroa adornada com pedrarias brilhantes. Após serem erguidos mais uma vez no meio do salão pelos convidados, sob gritos de *mazal tov* e chuvas de bombons atirados pelas senhoras de mais idade, que ficavam nas laterais do salão, os noivos foram sentados em uma pequena carroça para serem conduzidos ao pátio nupcial.

Rapidamente uma pequena procissão se formou atrás do casal, todos vestidos em trajes árabes, carregando grandes bandejas com doces marroquinos, o pequeno trole com os noivos deu várias voltas no salão, seguido pelos convidados ao som de gritos estridentes e desejos de boa fortuna. Embora de maneira bastante alegórica, o cortejo tentava reproduzir o traslado dos noivos pelas ruas dos *melah*, bairros judaicos, das cidades costeiras do Marrocos. Conforme Schechner (1985, p. 38), o comportamento restaurado oferece a ambos, ao indivíduo e ao grupo, a chance de retornar a ser o que foram ou, quase sempre, retornar a ser o que nunca foram, mas desejavam ter sido.

Por fim, os noivos foram sentados sob o pátio em grandes cadeiras que lembravam assentos reais. Doces e presentes eram depositados aos pés dos noivos. Em uma pequena mesa, uma tigela continha uma mistura de pó de hena com água e perfume, adornada com moedas e flores, que foi aplicada com uma colher nas palmas das mãos dos noivos, dando início assim à cerimônia.

Uma das senhoras que rodeavam o pátio pegou um prato com pequenos cubos de marmelada decorados com açúcar cristalizado, e foi lentamente enfiando os pequenos cubos na ponta de cada um dos dedos dos noivos. Os cubos de marmelada faziam com que as mãos dos noivos permanecessem espalmadas, recorrendo mais uma vez à lei mágica de similaridade, “da noção abstrata de simpatia mimética, de *attractio similitum*” (MAUSS, 2003, p. 106), pela qual os cubos de marmelada simbolizavam uma vida conjugal doce para o

casal, e a mão espalmada adornada com tintura de hena tornava-se similar ao amuleto marroquino, em formato de mão aberta, para barrar qualquer mal que pudesse recair sobre o novo casal a se formar.

Depois os noivos ficaram de pé, ergueram suas mãos espalmadas, tingidas e adornadas com doces na direção dos convidados. Em seguida, mostraram as mãos abertas para todas as direções do salão, como que formando uma aura de proteção ao seu redor, já que se encontravam em uma posição liminar, logo, vulneráveis a ações de forças malignas, que geralmente ameaçam aqueles que se encontram submetidos aos ritos de passagem.

A pasta de hena, que consagra o estado de limbo e de imunidade dos noivos, é um produto que em si é carregado de poderes, possui *baraka*<sup>4</sup>, palavra em árabe para denominar um poder extraordinário que se assemelha ao conceito de *mana* cotejado por Mauss.

**Emprega-se a palavra *mana* nas diversas formas das diversas conjugações, ela significa então ter *mana*, dar *mana*, etc. Em suma, a palavra compreende uma quantidade de ideias que designaríamos pelas palavras: poder de feiticeiro, qualidade mágica de uma coisa, coisa mágica, ser mágico, ter poder mágico, estar encantado, agir magicamente; ela nos apresenta, reunidas num único vocábulo [...] (MAUSS, 2003, p.143)**

Depois foi a vez de os convidados tingirem as mãos, dividindo com os noivos o *baraka/mana* do restante da pasta de hena. Logo se formou um grande fila junto ao pátio nupcial, e duas mulheres iam lentamente pintando somente o centro de uma das mãos dos convidados. Depois de ter a palma da mão tingida

4 De acordo com CARTWRIGHT-JONES: Hena is regarded to have *baraka*, to purify and protect the wearer from evil. Baraka is blessedness, the benign force of virtue, well-being and strength. *Baraka* wards off the forces of evil. Hena is believed to have *baraka*, and is therefore capable of conferring health, benefit and invulnerability to malevolent spirits. *Baraka* is a quality found in several traditional women's cosmetics such as *kohl* (a traditional black eye makeup), and *swak* (a walnut stick used to color the lips), perfume, as well as salt, incense, bread, horses, silver, wool, and other highly valued items (WESTER-MARK, 1926, I: I).

pela pasta de hena, um pequeno círculo de algodão era amarrado com uma fita decorativa na mão, evitando assim que os figurinos de Hanna Azulay, as roupas de festas dos convidados e as toalhas de mesa do *buffet* fossem manchadas com a tintura.

Enquanto os convidados se confraternizavam e tingiam as mãos, Hanna Azulay posicionou-se no cenário armado ao lado do pátio: a mesa de cobre trabalhado, onde estavam os bules e chaleiras para servir café turco e chá de hortelã, acompanhados de *mufletas* embebidas em mel como a parte final do “espetáculo”.

Para uma compreensão mais completa da aplicação do conceito de “comportamento restaurado” em relação à cerimônia da hena em Israel, vamos analisar alguns dos modelos criados por Schechner (1985) para descrever as variações dos comportamentos restaurados e suas performances emergentes.

Schechner (1985, p.38) afirma que os comportamentos restaurados podem se dar primeiramente como uma projeção do *eu/my particular self*, para outra pessoa/*someone else*. Mas que este modelo inicial engendra outros dois modelos. Um onde o *eu/self* se projeta em um evento historicamente verificável ou não, e o comportamento restaurado é desenvolvido em função deste evento.

Um segundo modelo, que de acordo com o autor é mais usual, é a projeção do *eu/self* em direção a um não evento/*nonevent*, e em seguida a restauração deste não evento. Vejamos, desta forma, como estes modelos de comportamentos restaurados podem ser aplicados para explicar a cerimônia da hena contemporaneamente em Israel.

Este modelo, conforme Schechner (1985, p. 41), é o modelo básico que engendra todas as performances, e não está ligado somente ao comportamento dos sacerdotes ou dos atores. “1→2 eu me torno um outro alguém, ou eu mesmo em um outro estado de ser, ou de humor, logo, diferente de mim, que me parece estar próximo a mim ou possuído por um outro”.

Muitas vezes, o cotidiano é “teatralizado” e as pessoas abandonam o seu *status* comum e passam a vivenciar, mesmo que momentaneamente, um “outro eu”, ou um “eu subjacente”.

Este modelo de performance descrito anteriormente pode ser aplicado para explicar o comportamento dos judeus marroquinos em Israel durante a cerimônia da hena, onde estes judeus e seus descendentes não assumem um outro

eu. Neste caso, “um eu marroquino”, que muitas vezes é ressaltado pelos marroquinos no cotidiano israelense pelo sotaque, a música, a culinária, ou pela simpatia por partidos da direita israelense como o SHAS, passa a ser potencializado pelo cenário que é engendrado pelo ritual.

Já o segundo modelo de comportamento restaurado, no qual o indivíduo se remete a um evento, seja ele de caráter histórico ou mitológico, e a partir deste evento ocorre a restauração do comportamento por intermédio da performance, não se mostrou devidamente apropriado para explicar a cerimônia da hena em Israel.

Como podemos perceber, a cerimônia da hena não remete a evento algum, seja de caráter histórico ou mitológico. Mas, ainda assim, pode ser compreendida dentro das categorias de comportamento restaurado.

Desta maneira são restaurados os séculos de convivência entre os povos berberes, um tempo e um Marrocos que ficaram para trás, mas que continuam a ser lembrados, reelaborados, reensinados, e por que não dizer reencenados, ajudando a constituir assim a identidade dos judeus marroquinos na sociedade israelense.

Para finalizar este artigo, veremos a seguir como a cerimônia da hena foi restaurada na comunidade judaica de Belém. Uma dupla restauração, recriando o tempo no Marrocos e reintroduzindo uma cerimônia que havia sido esquecida pelos membros das comunidades judaicas da Amazônia.

## **2.2. Cerimônia da hena em Belém – A restauração do comportamento e dos signos étnicos**

Muitos dos elementos formadores da etnicidade marroquina na Amazônia não correspondem aos elementos formadores da etnicidade marroquina adotados em Israel. Os rituais da hena descritos anteriormente, geralmente relacionados em Israel à etnicidade dos judeus marroquinos e judeus orientais, é quase que totalmente ignorado pelos membros das comunidades judaicas de Belém e Manaus.

A compreensão do desaparecimento e do “resgate” da cerimônia da hena no Norte do Brasil podem ser explicados pelas palavras de Carneiro da Cunha (2009, p. 238), quando a autora afirma que “existe uma bagagem cultural, mas ela deve ser sucinta: não se levam para a diáspora todos os seus pertences. Manda-se buscar o operativo para servir ao contraste”. Este seria o caso da cerimônia da hena nas comunidades judaicas da Amazônia.

Durante todos os anos em que pesquisei as comunidades judaicas da Amazônia, procurei exaustivamente informações sobre os rituais da hena e a grande maioria dos interlocutores desconhecia o ritual, e nunca havia presenciado prática similar. Somente no depoimento da já falecida senhora Sime Foinquinos, da comunidade de Manaus, coletado para o documentário *Eretz Amazônia*, no ano de 2003, é que encontrei alusões a rituais matrimônias que possuíam alguma ligeira semelhança com os rituais matrimônias da hena. Na verdade do complexo ritual da hena, o que foi reproduzido no início do século passado nas pré-núpcias de Sime Foinquinos, foi somente o uso de trajes confeccionados em cores fortes e bordados, para exibir o enxoval e receber as felicitações dos convidados.

Já em outros depoimentos, coletados na intenção de descobrir informações sobre a presença da cerimônia da hena entre os preparativos dos matrimônios judaicos na Amazônia, as informantes somente enfatizaram os rituais de purificação das noivas antes das bodas, algo similar ao ritual praticado desde a Espanha medieval denominado em ladino *noche del lavado*. No entanto, mesmo relegada ao esquecimento, uma cerimônia da hena foi realizada no ano de 2003 na cidade de Belém, antecedendo o enlace matrimonial de um jovem casal.

Às vésperas do casamento dos jovens David Simon e Michele Bentes, as famílias dos noivos se reuniram no luxuoso apartamento da família Bentes no bairro de Nazaré, no centro de Belém, para a realização da noite da hena.

O que impulsionou a realização da cerimônia foi o intercâmbio entre as comunidades judaicas de Belém e o Estado de Israel. Uma das primas da noiva, Evelyn Serruya, tomou conhecimento da cerimônia da hena quando imigrou para Israel, e como descendente de judeus marroquinos imediatamente sentiu-se identificada com a cerimônia, propondo que no casamento da prima, que se realizaria em breve, os familiares organizassem uma noite da hena.

Fazendo jus às palavras de Schechner quando o autor afirma que:

*[...]the behaviour can be stored, transmitted, manipulated, transformed. The performers get in touch with recover, remember, or even invent these strips of behaviour and then rebehave according to these strips, either by being absorbed into them or by existing side by side with them [...]* (SCHECHNER, 1985, p. 36)

Neste caso, mais uma vez o modelo proposto por Schechner (1985, p. 38) de deslocamento do eu/*self* em direção a um não evento, resultando por fim na performance deste não evento por meio de um comportamento restaurado, também pode ser aplicado para explicar e execução da cerimônia da hena em Belém.

Ou seja, a projeção do eu/*self*, neste caso a família dos noivos, em direção ao não evento, a cerimônia da hena, e por fim a restauração do comportamento por meio da performance, que neste caso em específico não restaura somente um comportamento ou um passado idealizado no Marrocos, mas a realização desta cerimônia restaura também a condição da “noite da hena” como um elemento formador da etnicidade marroquina, que havia sido esquecida, mas que foi restaurada a partir da observação de uma performance similar em Israel. Uma performance realizada a partir de uma performance prévia, conforme nos explica Schechner:

*[...] a performance based on previous performances. The totality of those previous performances as incorporated in the oral tradition may be called “original”. The people possessing the latest version of the original often presume (falsely) that it has come down unchanged over many generations. (SCHECHNER, 1985, p. 49)*

Para ajudar a compor a cerimônia e a transformação do eu/*self* em um outro, ou em um eu subjacente, como de praxe na performance, a tia da noiva, Azizah, comprou muitos trajes típicos especialmente para a hena da sobrinha, enquanto acompanhava o esposo Yehuda Benguigui em sua visita ao Marrocos.

Para oficializar a cerimônia foi contratado o *chazan* León Benjó, marroquino da cidade de Tanger, que em 1960 foi trazido da comunidade sefaradita de Madri para atuar na comunidade de Belém como cantor litúrgico e como líder comunitário. Na época da entrevista (2003), Benjó era cantor litúrgico da comunidade de Caracas, na Venezuela, onde, segundo ele, a cerimônia da hena,

ou *noche de berberisca*<sup>5</sup>, como se referiu o informante, não foi esquecida pelos judeus sefaraditas das comunidades venezuelanas. Por ser um velho amigo da família e por possuir conhecimento suficiente, Leon Benjó foi convidado especialmente para conduzir o ritual.

O que ressalta as palavras de Schechner (1985), quando afirma que a performance e o restauro do comportamento precisam ser conduzidos por uma pessoa especializada (*performer*) que detém a autoridade e o conhecimento:

*The authority in such cultures rests not with 'data' or 'documented' earlier performances but with 'respect persons' who themselves, in their very bodies, carry the necessary performance knowledge. (SCHECHNER, 1985, p. 49)*

No entanto, mesmo tendo à frente um competente condutor, a cerimônia da hena realizada em Belém foi muito simplificada, se comparada às cerimônias organizadas em Israel descritas anteriormente. Os noivos não trocaram de roupas diversas vezes, e a noiva tampouco trajou um vestido decorado ricamente, como manda a tradição sefaradita, porém outros aspectos da cerimônia da hena que não presenciei em Israel foram realizados nesta celebração.

O ritual ocorreu na sala do apartamento da noiva, que foi recebida pelos convidados ao som do hino *Baruch habah*/boas-vindas, seguiu no meio do cortejo tendo os ouvidos tapados pelo senhor Leão Ohana, para que não fosse molestada por anjos e gênios malignos. Na frente seguiam a mãe e a sogra, e as tias, que carregavam candelabros com velas acesas, encenando assim um cortejo similar ao realizado pelas ruas das “Juderias” do Marrocos, onde os noivos eram conduzidos pelas ruas iluminadas por velas para que o enlace fosse tornado público (BENTES, 1989, p. 45).

Enquanto a noiva completava sete voltas em torno do noivo, os homens

5 Noche de Berberisca: Esta forma de denominar a cerimônia da hena reproduz claramente a condição externa da cerimônia. Um costume proveniente dos bérberes, e portanto denominado em Ladino como a noite de “berberisca”.

cantavam, regidos por León Benjó com sua voz de tenor, a seguinte canção em ladino:

*Da-nos la novia  
Que por ella benimos  
Se no las dá  
A la Lei volverimos*

Após rodear o futuro marido, a noiva sentou-se ao lado do noivo para que as mãos do casal fossem finalmente tingidas, e em seguida os noivos carimbaram suas mãos espalmadas atrás da porta principal do apartamento, na intenção de proteger o domicílio e a noiva até o dia do casamento, muito embora a condição de vulnerabilidade, por conta da condição “liminar” dos noivos, não possua mais o mesmo sentido e o mesmo peso que possuíam anteriormente nas comunidades judaicas do Marrocos.

Conforme descreve Bentes a respeito do estado de vulnerabilidade dos noivos:

**Foi um dia de folguedo para as moças solteiras, amigas da noiva, que seguindo o costume estamparam nas portas das casas dos noivos suas mãos molhadas em tinta vermelha e azul para afastar dos nubentes, com este sinal, o “mau-olhado”, ou “jettatura”, ou mesmo a “ainará” dos árabes [...] Os rapazes escrevem com tinta azul sobre os muros externos dos domicílios do noivo e da noiva, as palavras felicidade, boda e outras expressões alusivas ao ato que vai celebrar-se; além disso, demonstram seus conhecimentos pictóricos desenhando mãos que acenam e flores que simbolizam uma árvore com cinco ramos e um coração atravessado por uma flecha [...] (BENTES, 1989, p. 36-37)**

Ainda que a cerimônia da hena tenha sido esquecida pelas comunidades judaico-marroquinas da Amazônia, e, quando restaurada, a cerimônia não possuía mais a mesma abrangência social que possuía anteriormente no Marrocos,

é característica do “comportamento restaurado” reviver momentaneamente somente alguns aspectos de um comportamento idealizado, por meio do que Schechner denomina de “*strip of behaviour*”, uma faixa, uma tira do comportamento.

Como em Belém, onde somente uma curta faixa, uma pequena tira da cerimônia da hena foi restaurada por meio da performance, de forma bastante fugaz. Embora a cerimônia da hena tenha se encaixado perfeitamente como um elemento representativo da identidade dos judeus marroquinos da Amazônia, alguns fatores contribuem para que esta cerimônia seja reinstaurada definitivamente como parte da identidade do grupo e não apenas momentaneamente como ocorreu.

Primeiro, porque o grupo como um todo, por ter esquecido desta prática, não reconhece a cerimônia como representativa do judaísmo marroquino da região. Além disto, os casamentos endogâmicos não acontecem com tanta frequência, fazendo com que a cerimônia não seja algo tão presente na estruturação do grupo. Como ressaltou León Benjó em sua entrevista: “até que tenha outra boda entre judeus em Belém, já não se recordam mais da hena [...].”

Neste caso, o ritual se mostrou situacionalmente como um elemento representativo da etnicidade do grupo. Portanto, não só o comportamento foi restaurado, com a cerimônia da hena também foi momentaneamente restaurada como um demarcador da identidade étnica dos judeus marroquinos de Belém.

A realização da cerimônia da hena em Belém não foi utilizada para marcar o cumprimento de um ciclo, como ocorre muitas vezes em relação ao comportamento restaurado. Em Belém, esta cerimônia mostrou na verdade a fugacidade, a maneira fortuita como o comportamento restaurado também pode ser manifestado em determinadas ocasiões, conforme nos explica Schechner:

*[...] performance original disappear as fast as they are made. No notation, no reconstruction, no film or video tape recording can keep them. What they lose space and context. Media recording abolishes these almost totally. Restoration are immediate, and they exist in time/space as whole; but the occasion is different. (SCHECHNER, 1985, p. 50)*

Seja qual for a maneira com a cerimônia da hena foi realizada, seja sinalizando os ciclos de casamentos e relacionando alguns judeus em Israel com seu passado no Marrocos, ou ainda, de maneira fortuita, reavivando rapidamente com seus tons ocre o passado marroquino de uma determinada família em Belém, sem dúvida que a cerimônia da hena foi utilizada como um demarcador étnico do judaísmo marroquino, tanto para os judeus da Amazônia, como em Israel, principalmente por ser um elemento que congrega em si o que Schechner (1985, p. 50) descreve como sendo “um feixe de performances e não performances (documentos, memórias, etc.) que são convencionalmente rotulados como originais”.

## Referências

- BENCHIMOL, Samuel. *Eretz Amazônia: os judeus na Amazônia*. Manaus: Ed. Valler, 1998.
- BENDELAC, Alegria. *Los nuestros – Sejiná, Letuarios, Jaquetía y fraja: un retrato de los sefaradies del nuerde de Maruecos a través de recuerdos e de su lengua (1860-1984)*. S.L.: Peter Lang Publishing, 1987.
- BENTES, Abraham Ramiro. *A primeira comunidade israelita brasileira: tradições, genealogia, pré-história*. Rio de Janeiro: Bloch, 1989.
- CARTWRIGHT-JONES, Catherine. *Menstruation and hena, pollution and purification*. Ohio: Kent State University, 2002.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo: Cossac Naif, 2009.
- DAWSEY, John C. Turner. Benjamim e a antropologia da performance: o lugar olhado (e ouvido) das coisas. *Campos: Revista de Antropologia Social*, v. 7, n. 2, 2006.
- GENNEP, Arnold van. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- LEVY, André. To Morocco and back: tourism and pilgrimage among Moroccan-Borns Israelis. In: BEN-ARI, Eyal; BILU, Yoram (ed.). *Grasping Land: space and place contemporary israeli discourse and experience*. New York: State University of New York, 1997.
- LINS, Wagner. *Estrela Minguante: memória e ressignificação do judaísmo no interior do Estado do Para*. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Língua Hebraica Cultura e Literatura Judaicas – USP, 2004.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia & Antropologia*. São Paulo: Cossac Naify, 2003.
- SAID, Edward W. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SCHNECHNER, Richard. *Between theater and anthropology*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1985.
- TURNER, Victor. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- \_\_\_\_\_. *Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana*. Niterói: Ed. Universidade Federal Fluminense, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Floresta de símbolos: aspectos do ritual Ndembu*. Niterói: Ed. da Universidade Federal Fluminense, 2005.
- \_\_\_\_\_. *From Ritual to Theater: the human seriousness of play*. New York: PAJ Publications, 1982.
- REVISTA MORASHÁ. Ano XIV, Ed.55, dez. 2006.
- \_\_\_\_\_. Ano XVII, Ed.66, dez. 2009.